

JOÃO PEDRO MÉSSEDER E AS “MALASARTES” DO RECONTO¹³

Sara Reis da Silva
Instituto de Educação – Universidade do Minho
CIEC-Centro de Investigação em Estudos da Criança
sara_silva@ie.uminho.pt

«Porque contar histórias do repertório tradicional é também conferir a uma narrativa trivializada e puída pelo tempo uma intonação própria, variável de vez para vez.» (Torrado, 2002: 35).

Quem conhece o investigador, estudioso e professor José António Gomes (JAG) e tem seguido a sua sistemática actividade de teorização e crítica literária, terá certamente presente um texto da sua autoria intitulado «Ao princípio era a narração», breve reflexão que abre o volume *Literatura para Crianças e Jovens. Alguns Percursos* (Caminho, 1991). Aí pode ler-se:

«Entre os mais nobres adictos da velha arte de narrar, merecem especial destaque os contadores de histórias do mundo rural, espécie em acelerado ritmo de extinção, vertiginosamente ultrapassada por essa fria contadora de histórias, quantas vezes descoloridas e censuradas, que é a televisão. (...)

Vivemos num tempo em que a “literatura tradicional de transmissão oral” tende a desaparecer, por efeito da evolução das sociedades agrárias, e devido não só ao desenvolvimento tecnológico e à industrialização crescente, mas também às consequentes alterações nas condições de trabalho e de convívio das populações (por exemplo, o progressivo desaparecimento dos serões tradicionais, substituídos pela entrega rotineira às noites televisivas e, de um modo geral, ao consumo das mensagens dos *media*.)» (Gomes, 1991: 15-16).

¹³ Este texto encontra-se escrito segundo a antiga norma ortográfica.

Sublinhando a necessidade humana, especialmente na infância, de ouvir e contar histórias, JAG associa-se, por exemplo, a António Torrado, e acentua a relevância daqueles que, em falta de «avozinhas sábias e de saborosos contadores populares», decalcam «a literatura da oratura» (*idem, ibidem*: 17).

E o facto é que o diálogo entre a teorização a que vimos de aludir e a própria escrita literária terá motivado, muito provavelmente, a edição, em 2000, com a chancela da Caminho e a assinatura de José António Gomes (selecção, introdução e notas), da colectânea de contos tradicionais portugueses *Fiz das Pernas Coração*, obra traduzida e publicada dois anos depois (2002), pela Ir Indo Edicions (Vigo – Espanha). Também, neste domínio concreto das compilações, ora com textos seleccionados e recontados apenas por si, ora coordenando a edição, assinale-se, igualmente, os volumes especiais *Uma Fiada de Histórias e Histórias e Poemas para Pessoas Pequenas*, apensos, respectivamente, aos manuais escolares *Trampolim Língua Portuguesa – 2º ano* e *Trampolim Língua Portuguesa – 3º ano* da Porto Editora (2005). Digno de registo, por se tratar também, em nosso entender, de um “sintoma” do seu apreço particular pelo acervo literário tradicional, é o título da única revista portuguesa dedicada ao estudo e à divulgação da Literarura Infantil e Juvenil (LIJ), dirigida precisamente pelo estudioso em questão: *Malasartes (Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude)*. Mesmo a autoria de estudos teóricos em torno da questão em pauta, como sugerimos na abertura deste estudo, parece testemunhar o interesse do autor. Exemplo disso é a panorâmica «Reescritas do conto tradicional na literatura portuguesa para a infância e juventude (2000-2009)», (que assina com Ana Margarida Ramos e também connosco) publicada no monográfico *Reescrituras do Conto Popular (2000-2009)* (Xerais, 2010), coordenado por Blanca-Ana Roig Rechou, Isabel Soto López e Marta Neira Rodríguez.

Não surpreende, pois, que JAG, assumido o pseudónimo literário João Pedro Mésseder (JPM), se associe a outros nomes irrecusáveis da LIJ portuguesa, designadamente a António Torrado, Alice Vieira ou Luísa Ducla Soares, entre outros, seguindo uma linha que remonta já, por exemplo, a Adolfo Coelho (com os *Contos Nacionais para crianças*, 1882), e inicie a composição e edição de livros vocacionados para os mais novos. Por outras palavras, JPM faz nascer, também ele, “novos suportes” ou «materiais de fixação» (*idem, ibidem*: 17) para as histórias tradicionais, dando corpo a um registo renovado e contribuindo também, portanto, para a consolidação dessa tendência da escrita contemporânea que tem na criança e no jovem os seus potenciais destinatários, ou seja: a reescrita da tradição.

Trata-se, na realidade, de uma especial opção criativa, na medida em que, como preconiza, por exemplo, Pisanty,

«el cuento se presta quizá más que cualquier otro género narrativo, a ser usado. Precisamente porque pertenece a nuestro patrimonio cultural colectivo y porque cada miembro de nuestra cultura mantiene un vinculo duradero, profundo y personal con él, nos sentimos legitimados a adaptarlo a las propias exigencias, a manipularlo y, en último término, incluso a rescribirlo.» (1993: 88).

A narrativa tradicional oral pode, pois, ser antevista, como regista Gemma Lluch, como uma

«partitura provisional en un largo proceso de transformación colectiva, de elecciones semánticas y estilísticas, de trasvase desde la oralidad a la escritura, de contaminación por otras tradiciones, de intertextualidades, de censuras, de *performances* frente a un público, de recepción silenciosa a través de la lectura y de utilización para educar.» (Lluch, 2003: 99-100).

JPM, convivendo com essa «partitura provisória», tem percorrido, assim, caminhos que, tendo como ponto de partida várias narrativas da tradição oral, mais ou menos conhecidas, de proveniências distintas, têm resultado em textos renovados. Com efeito, o interesse e/ou gosto de JPM substantiva-se diversamente, surgindo em pequenos volumes de reescritas, como, por exemplo, os três inseridos na colecção «Novos Ilustradores» da Campo das Letras, publicados em 2004 e 2005, a saber *A couve, as calças e o burro, Não posso comer sem limão* e *O Mundo a cair aos bocados*. A estas obras juntaram-se, em 2007, *As Histórias de Pedro Malasartes* (Porto Editora) e, em 2008, *O Coelho e a Formiga Rabiga mais a Cabra e a sua Barriga* (Ambar). E na mesma linha, veja-se, além disso e entre outros, antologias como *Contos e Lendas de Portugal e do Mundo* (Porto Editora, 2009), uma selecção, adaptação e reconto em co-autoria com Isabel Ramalhete.

Procederemos, de seguida, a uma releitura e a uma análise sucinta do conjunto de volumes aos quais vimos de aludir, uma variedade de textos resgatados à tradição por JPM, procurando sinalizar as suas mais relevantes estratégias de reescrita e revelando um pouco do seu singular tom.

Dado à estampa em 2004, *A Couve, as Calças e o Burro* nasce, conforme esclarece uma nota paratextual, registada no final do volume, do encadeamento e reescrita, com alteração, de «três contos humorísticos do Alentejo, muito curtos e de origem popular.» Acrescenta-se que se optou por manter «o nome da personagem principal de dois contos». É, pois, uma versão muito reduzida e económica, episódica, até, composta a partir de narrativas tradicionais que aqui ganham nova expressão, prevalecendo, ainda assim, a sua forte raiz cômica, aspecto para o qual contribui, de forma determinante, o próprio registo e o recurso a expressões como «Uma coisa não me sai dos miolos» (Mésseder, 2004a: s./p.); «De orelha murcha» (*idem, ibidem*: s./p.); «malucar no assunto» (*idem,*

ibidem: s./p.), entre outras. Laró é o protagonista de três situações, reflectidas, aliás, no próprio título do volume, nas quais contracena com um compadre zombeteiro e um feirante pouco sério. São casos do quotidiano, vivenciados com a simplicidade, a ingenuidade e a inocência que, não raras vezes, distinguem as figuras que povoam a literatura do património tradicional oral. A própria composição visual da obra, respondendo positivamente aos aspectos já registados, dá conta de pormenores das personagens, em especial do protagonista, bem como do próprio cenário, contribuindo para “fixar” a narrativa no próprio espaço rural e para reforçar o sentido humorístico dos seus momentos principais.

Tematicamente diverso é *Não posso comer sem limão* (2004). Editado, pela primeira vez, no volume intitulado *Árvores Pombos Limões e Tropelias*¹⁴, este conto do património tradicional ressurgiu com um formato gráfico distinto (e ligeiríssimas alterações do registo verbal) da responsabilidade de Evelina Oliveira.

A matriz-narrativa é antiga. Note-se que, além de se constatar a inclusão de um texto intitulado «Comera um bocadinho se tivera limão...»¹⁵ em *Contos Populares Portugueses*, de Adolfo Coelho (Coelho, 2002: 265-268)¹⁶, conforme se esclarece em nota final, *Não posso comer sem limão* nasce da «reescrita e adaptação de um conto popular português recolhido por Bernardino Barbosa em Évora», em 1915, e inserto em «Bernardino Barbosa, *Contos Populares de Évora*, Évora: Aríon, 2000, pp. 165-7». Acrescenta-se, ainda, que «o texto foi inicialmente publicado na *Revista Lusitana*, vol. XXII, em 1919».

14 Pequena colectânea de quatro histórias para crianças, ilustradas por Gémeo Luís e assinadas por António Mota, Francisco Duarte Mangas, João Pedro Mésseder e José Viale Moutinho, que a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto publicou em 2002.

15 No final do texto, refere-se Lisboa como local de recolha de fonte oral.

16 Importa salientar que a primeira edição desta colectânea veio a lume em 1879.

Mas, se esta é uma narrativa de origem distante no tempo, as temáticas que aí se debatem ficcionalmente afiguram-se bastante próximas da actualidade: a protecção paternal/maternal, a transgressão e a curiosidade juvenis, a condição feminina, o enamoramento ou a descoberta do amor.

O relato narrativo, que desponta, como ocorre habitualmente nos contos tradicionais, da fórmula hipercodificada «Era uma vez...», reparte-se, sem se demorar, por exemplo, em pormenores do retrato das personagens, segundo o esquema situação inicial, peripécias, ponto culminante e desenlace. A acção é, portanto, una, desenrolando-se de forma linear, e nesta contracenam um número limitado de figuras anónimas de índole tipificada e facilmente reconhecidas pelo leitor: um casal de fidalgos, uma filha, uma ama, um rei e um príncipe. Ainda no que diz respeito às personagens, importa salientar que a jovem fidalga, à semelhança do que se verifica em inúmeros contos da tradição, vê-se obrigada a procurar uma saída para a clausura da torre do castelo, situação imposta pelo seu pai, sendo esta a única forma de conhecer o mundo que a rodeia e de encontrar o seu “príncipe encantado”.

Também do ponto de vista simbólico, e não pretendendo esgotar esta questão, esta narrativa breve se afigura particularmente interessante. Neste sentido, o limão, elemento que funciona simultaneamente como meio de retardamento da acção e como “trunfo” para a protagonista, e cuja relevância é indiciada pelo título da narrativa, é o símbolo da pureza e da fidelidade, sendo tradicionalmente visto como um fruto que tinha propriedades protectoras (Bruce-Mitford, 1996:48). Atenda-se, ainda, por exemplo, ao facto de o próprio acto da jovem fidalga abrir um buraco na parede poder significar «a abertura para o desconhecido», do «interior ao exterior, (...) do exterior ao *outro*», ligando-se «à fertilidade no plano biológico» e à espiritualização no plano psicológico (Chevalier e Gheerbrant, 1994: 132-133). Já o jardim, local de encontro da menina e do príncipe, representa não só um espaço positivo,

cenário primordial do amor, mas também o lugar do crescimento (*idem, ibidem*: 384).

A conclusão da narrativa, de carácter fechado, segue, igualmente, o modelo eufórico da reposição do equilíbrio, terminando a história com uma nota de boa disposição:

«O final da história está bom de adivinhar. Passados dias, realizou-se a boda e o rei ofereceu um grande banquete de núpcias no palácio. A festa teve música e dança e todos comeram e beberam até fartar.

Eu pus-me debaixo da mesa sem parar de ouvir e de ver... mas só um osso maldito me coube roer!» (Mésse-der, 2004b: s/p).

As ilustrações de Evelina Oliveira, cromaticamente fortes, centram-se fundamentalmente na recriação da protagonista, procurando dar conta dos seus estados de espírito ou das suas emoções.

A subtileza humorística que se observa no final de *Não posso comer sem limão* ressurge, de certo modo, em *O Mundo a Cair aos Bocados* (Campo das Letras, 2005), obra na qual «foi reescrita, com alterações significativas, uma história popular contada em Portugal e na Galiza». E essa história é a conhecida «A Galinha Medrosa» que, nas palavras de JPM, ganha uma forma e um volume bastante especiais. A simplicidade, quer estrutural, assente na repetição, por exemplo, quer verbal, consentânea com a própria dimensão oral do texto, funciona como estímulo à leitura/partilha em voz alta. Este é um conto de animais, todos personificados (como, aliás, dão conta também as ilustrações de Assunção Melo, num registo forte e/ou impressivo), e apresentados sucessivamente (um Galo, uma Lebre, um Peru, um Cágado e, finalmente, uma raposa), interagindo com a protagonista, a Dona Galinha. Estas, na generalidade, mas muito particularmente, a galinha e a raposa, por exemplo, não se desviam dos seus traços tipificados. Depois de concluída a narrativa, inclui-se uma

quadra que parece reforçar a possibilidade de reconto oral deste texto: «Esta história tão antiga / acabou, está terminada, / De tanto ouvir a galinha / já tenho a cabeça cansada.» (Més-seder, 2005: s./p.).

As *Histórias de Pedro Malasartes* (2007) dão a conhecer aos leitores mais novos uma das figuras mais divertidas da tradição portuguesa e brasileira, sendo recontados, por exemplo, textos compilados por Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos e Teófilo Braga¹⁷. Quatro narrativas – a saber «Sorte ruim não tem fim», «Pedro Malasartes e a fiada de disparates», «Pedro Malasartes e o homem de visgo» e, ainda, «Pedro Malasartes e as senhoras do manto negro» –, partes-integrantes de um verdadeiro ciclo, centram-se nas aventuras desta personagem marcadamente simples, lúdica, arguta, mas desajeitada e muito ingénua. Comum a todos os contos é a inclusão de uma quadra de encerramento, uma estratégia que vem na linha do reconto oral. O cómico/humor decorre, em larga medida, das peripécias e dos sobressaltos em que o protagonista se vê envolvido e são algumas destas situações que as ilustrações de Maria Ferrand procuram reflectir.

Já *O Coelho e a Formiga Rabiga mais a Cabra e a sua barriga* (2008), como o próprio título anuncia, representa uma original “conversão” do célebre conto do “Coelhinho Branco que foi à horta buscar couves para fazer um caldinho...”, patente, por exemplo, na compilação *Contos Populares Portugueses*, de Adolfo Coelho, e igualmente recontado, por exemplo, por António Torrado ou Alice Vieira. Mas são inúmeras as alterações que JPM imprime à narrativa em questão. Talvez a mais marcante coincida com a substituição das personagens animais que interagem com o protagonista, que, na matriz, são todos domésticos (um boi, um cão e um galo),

17 Cf. Nota do autor.

por animais selvagens: um leão, uma cobra, um elefante e uma girafa. Estilisticamente mais elaborada/sofisticada, a narrativa de JPM distingue-se pela pormenorização dos retratos das personagens e pelo humor. Note-se, por exemplo, o facto da formiga quase se ter afogado nas lágrimas do coelhinho. Do ponto de vista da arquitectura textual, nesta versão, prevalece um esquema repetitivo. A própria acção conclui-se positivamente: «E viveram juntos e felizes para sempre!» (Més-seder, 2008: s./p.). Originais são as duas quadras, incluídas no final do volume, de pendor moralizante e consentâneas, aliás, com o padrão das narrativas tradicionais:

«Os pequenos vencem sempre
mas têm de resistir.
Com a ajuda dos amigos
Quem é que vai desistir?»

Esta história está contada.
Outras vêm a caminho.
Quem sabe se com a Formiga
e o seu amigo Coelhoinho?» (idem, ibidem: s./p.)

As ilustrações de Elsa Lé recriam, em tons visivelmente suaves, as personagens e as sequências narrativas, podendo auxiliar o leitor menos “competente”/treinado no acompanhamento da (leitura/audição) narrativa.

Uma referência, ainda, à antologia *Contos e Lendas de Portugal e do Mundo* (2009). Nesta, reúnem-se dezoito textos, alguns bastante conhecidos e originários de diferentes latitudes (Portugal, França, Galiza, Angola, Alemanha entre outros). A diversidade de origens resulta, assim, na diversidade de visões e de culturas que estes textos desvendam, como pretendem, aliás, dar a ler JPM e Isabel Ramalhete, responsáveis pela selecção, adaptação e reconto. A variedade plasma-se, ainda, na própria opção por incluir textos mais humorísticos, textos maravilhosos, textos de essência fabulística, outros ainda mais lendários, etc.

Merecedoras de nota são as expressivas ilustrações de Fátima Afonso que, cuidadosa e delicadamente, proporcionam a revisualização dos textos antologiadados. Na verdade, a composição visual/gráfica do volume é irrepreensível, desempenhando um importante papel na captação do olhar do leitor.

E é assim que, com as obras de JPM aqui brevemente relidas, se poderá concluir não apenas da vitalidade inspiradora e/ou hipo/hipertextual da literatura tradicional oral, em concreto no universo da literatura de potencial recepção infantil, mas também de alguns dos seus novos trilhos, situados no tempo em que vivemos (e esta questão representa, quanto a nós, uma das mais interessantes neste âmbito). Terminamos, reafirmando que, os textos de JPM, evidenciando uma original tonalidade literária e transformados, assim, em “coisas suas”, em matéria pessoal, proporcionam, enfim, a superação da impossibilidade de usufruir da voz ao vivo, do entusiasmo, da gestualidade e da entoação de um “contador à lareira”.

Referências bibliográficas:

Bibliografia activa:

GOMES, José António Gomes (2000). *Fiz das Pernas Coração. Contos Tradicionais Portugueses*. Lisboa: Editorial Caminho (ilustrações de Danuta Wojciechowska).

GOMES, José António Gomes (2002). *Contos Tradicionais Portugueses*. Vigo: Ir Indo Edicions.

GOMES, José António (2005) (coord.). *Histórias e Poemas para Pessoas Pequenas*. Porto: Porto Editora. (ilustrações de Maria Ferrand) (Edição especial apensa ao manual *Trampolim Língua Portuguesa – 3º ano*).

GOMES, José António (2005). *Uma Fiada de Histórias*. Porto: Porto Editora (ilustrações de Inês Oliveira) (Edição especial apensa ao manual *Trampolim Língua Portuguesa – 2º ano*).

MÉSSEDER, João Pedro (2004a). *A couve, as calças e o burro*. Colec. «Novos Ilustradores». Porto: Campo das Letras (Ilustrações de Alexandra Jordão Pires).

MÉSSEDER, João Pedro (2004b). *Não posso comer sem limão*. Colec. «Novos Ilustradores». Porto: Campo das

Letras (Ilustrações de Evelina Oliveira).

MÉSSEDER, João Pedro (2005). *O mundo a cair aos bocados*. Colec. «Novos Ilustradores». Porto: Campo das Letras (Ilustrações de Assunção Melo).

MÉSSEDER, João Pedro (2007). *As histórias de Pedro Malasartes*. Colecção «Oficina de Sonhos». Porto: Porto Editora (ilustrações de Maria Ferrand).

MÉSSEDER, João Pedro (2008). *O Coelho e a Formiga Rabiga mais a Cabra e a sua barriga*. Porto: Ambar (ilustrações de Elsa Lé).

MÉSSEDER, João Pedro e RAMALHETE, Isabel (2009). *Contos e Lendas de Portugal e do Mundo*. Colec. «Oficina dos Sonhos». Porto: Porto Editora (ilustrações de Fátima Afonso)

Bibliografia passiva:

BRUCE-MITFORD, Miranda (1996). *O Livro Ilustrado dos Signos e Símbolos*. Lisboa: Centralivros-Livros e Livros.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1994). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema.

COELHO, Adolfo (2002). *Contos Populares Portugueses*. Colec. «Biblioteca de Bolso». Lisboa: Dom Quixote (7ª ed.).

GOMES, José António (1991). *Literatura para Crianças e Jovens. Alguns Percursos*. Lisboa: Editorial Caminho.

LLUCH, Gemma (2003). *Análisis de narrativas infantiles y juveniles*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.

PIRES, Maria da Natividade (2005). *Pontes e Fronteiras. Da Literatura tradicional à literatura contemporânea*. Lisboa: Caminho.

PISANTY, Valentina (1993). *Cómo se lee un cuento popular*. Barcelona: Paidós.

ROIG RECHOU, Blanca-Ana, SOTO LÓPEZ, Isabel e NEIRA RODRÍGUEZ, Marta (2010). *Reescrituras do conto popular (2000-2009)*. Vigo: Xerais.

TORRADO, António (2002). «Família, Afectos, Histórias Tradicionais» in *A Varinha e o Condão. O Regresso do Maravilhoso* (textos do XV Encontro de Literatura para Crianças). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 35-39.